

Gilberto Freyre e a invenção do Brasil: possibilidades de diálogos e interfaces entre história e psicanálise

113

*Claudio Marcio Coelho*¹

Resumo: Este ensaio discute algumas possibilidades de diálogos e interfaces entre a História e a Psicanálise, a partir da investigação/análise interpretativa da formação intelectual do escritor e cientista social pernambucano Gilberto Freyre (1900-1987). Inicialmente, esboçamos uma discussão teórica que nos apresentam alternativas de estudo e pesquisa em temas que tangenciam proposições freyreanas sobre a formação do Brasil. Num segundo momento, ensaiamos algumas possibilidades de diálogos entre História e Psicanálise, ao identificarmos indícios que indicam a presença de fantasias e memórias infantis na construção da narrativa histórica pelo autor, principalmente, em sua obra germinal *Casa-Grande e Senzala* (1933).

Palavras-chave: história e psicanálise; fantasias infantis; formação do Brasil; Gilberto Freyre.

¹ *Cientista Social* (2000) e *Doutorando* (2012) em História Social das Relações Políticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Brasil. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Espírito Santo (FAPES). Contato pelo e-mail: claudiomarciocoelho@gmail.com

1. Introdução

Gilberto Freyre pode ser considerado um pensador visual, pictórico, um esteta, no pensar e no escrever, conforme lemos em brilhantes intérpretes do intelectual pernambucano como a historiadora Maria Lúcia G. Pallares-Burke (*Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, 2005) e os sociólogos-antropólogos Guillermo Giucci e Enrique R. Larreta (*Gilberto Freyre: uma biografia cultural*, 2007). Neste sentido, podemos, a princípio, pensar a *fantasia freyreana* (a invenção do Brasil) como imaginação simbolizadora, alegorizadora, poética e criadora. Ou ainda, como capacidade produtora, pois acumular imagens, selecioná-las, esmiuçá-las, combiná-las pressupõe a produção e a posse dessas imagens pelo espírito do autor, como demonstrou Benedetto Croce em *Breviario di estética* (1913). Mas, esta leitura/proposição, já foi bastante explorada por estudiosos da obra freyreana. A contribuição que pretendemos acrescentar a este debate justifica a proposta teórico-metodológica de nossa tese doutoral em curso no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Espírito Santo. Desejamos investigar/analisar a narrativa freyreana, tomando como referência alguns conceitos da psicanálise freudiana e lacaniana como *recalque*, *narcisismo*, *fantasia*, entre outros.

2. Discussão teórica

Sabemos que o homem está ligado a uma teia de relações e de significados construída historicamente e, através da qual, dá forma, direção e sentido à vida social. E que a vida em sociedade está alicerçada em um universo simbólico que guia as ações humanas. Assim, esta comunidade modernamente imaginada (inventada) chamada *nação* concretiza-se mediante práticas, comportamentos, valores e símbolos como demonstrou Benedict Anderson em *Comunidades imaginadas* (1983).

Em *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade* (1991), Eric Hobsbawm afirma que o termo *nação* não é uma entidade abstrata, independente da ação humana, mas um “destino” social/político inerente aos próprios homens. Seria um erro pensar a nação brasileira como mera consequência do estabelecimento e hegemonia de uma elite

político-econômica nacional, ao contrário, é preciso ampliar a investigação e a análise a partir da compreensão – “micro” e “macro” – histórica, política, intelectual e cultural. Ademais, é necessário valorizar as aproximações, as divergências, a ambiguidade e a complexidade das interpretações sobre o tema, enfatizando o esforço criativo de nossos intelectuais, como co-responsáveis no processo de elaboração de ideias e de imagens fundadoras da nacionalidade, indispensáveis na estruturação da identidade nacional.

A relação estreita e interdependente entre *memória* e *nação* permite-nos pensar em dois conceitos importantes para a interpretação/análise de nosso tema: a ideia de “tradição inventada” de E.J.Hobsbawm, em *A invenção das tradições* (1984) e de “lugares de memória” de Pierre Nora, em *Les lieux de mémoire* (1984).

A partir das categorias apresentadas pelos autores elencados podemos refletir sobre a contribuição de Gilberto Freyre para o estudo de nossa formação histórica: um passado fundado numa reserva de símbolos, de imagens, de modelos de ação nacional. Freyre identificou/interpretou o Brasil como uma imensa “comunidade politicamente imaginada” (Anderson) ou “inventada” (como preferimos acentuar). Ao analisarmos a narrativa histórica construída por nosso autor podemos facilmente identificar sua tradução/construção do passado brasileiro: um contexto que se reveste de desejos, sentimentos e emoções; um passado vívido, sensível e poético. Freyre interpretou o *imaginário social brasileiro* a partir de símbolos, crenças, costumes e tradições demarcadas por uma “profunda legitimidade emocional”. Assim, elementos da memória coletiva presentes nas cantigas e festas, na culinária, no folclore, nas crendices, por exemplo, conferem sentido à vida social e acionam imaginações “modulares” dos sentimentos e das relações sociais em sua amplitude nacional. Este aspecto da narrativa freyreana aproxima-se em grande medida das proposições de Benedict Anderson sobre a nação como “comunidade imaginada”. Ademais, Freyre também acionou os “lugares de memória” da nação brasileira, lugares de sacralização, de construção afetiva, moral, sexual, política, de sugestão e manipulação mítica de elementos constituintes da nação e da identidade nacional, elementos da “tradição inventada”. Neste sentido, também podemos interpretar sua narrativa histórica a partir das proposições de Pierre Nora e de Eric Hobsbawm.

Nosso estudo também pode ser aprofundado a partir da profícua contribuição de Jacques Le Goff, em *História e memória* (1990). Nesta obra, Le Goff considera o “estudo da memória social como um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história”.² Também oferece proposições importantes ao abordar as contribuições de Pierre Nora acerca da oposição entre memória coletiva, memória histórica, memória afetiva e memória intelectual. Le Goff adverte que a memória coletiva também é um “instrumento e um objeto de poder”.³ A partir deste ponto, poderemos analisar como G.Freyre se apropria da memória coletiva nacional para forjar a identidade brasileira.

Le Goff, também chama nossa atenção para as considerações de H.L.Bergson, em *Matière et mémoire* (1896), sobre a centralidade da noção de imagem “na encruzilhada da memória e da percepção”, realçando a existência de uma memória profunda, pessoal, pura, e de seus laços com o espírito humano (alma, mente, psyché). A teoria de Bergson teve grande influência sobre a literatura de Marcel Proust, e marca o ciclo narrativo do autor em *À la recherche du temps perdu* (1913-27). Segundo Le Goff, esta influência fez nascer uma “nova memória romanesca”, gerando a cadeia/relação “mito-história-romance”.⁴

Assim, podemos investigar/analisar a relação “mito-história-romance” presente na obra de M.Proust e sua influência no pensamento de G.Freyre, pois sabemos do profundo apreço freyreano pelo escritor francês. Em *À la recherche du temps perdu*, Proust revela as características fundamentais de seu estilo literário. Considera o tempo como elemento positivo e destrutivo, que só pode ser apreendido pela memória intuitiva. Compreende o tempo como um fluir constante: o passado e o presente como a mesma realidade. Proust busca “verdades eternas” capazes de revelar a relação de sentido, a experiência e a memória esquecida.

Freyre admirava o Proust das análises líricas e clínicas, poéticas e científicas: um *escritor-historiador* capaz de revelar o que há de mais íntimo no passado de um povo. Também manifestou interesse particular pelo primeiro livro da obra-prima do escritor francês, *No*

² Le Goff, 1990, p.426.

³ *Ibidem*, p.476.

⁴ *Ibidem*, p.471.

caminho de Swann (1913), como evocação do “tempo de menino”. Estava interessado no que Proust poderia revelar-lhe sobre a realidade e a *histoire intime*.

Outrossim, a fascinação freyreana pelo tema da infância também manifestou-se a partir do contato com a literatura do escritor inglês Walter Pater. Na pequena obra-prima *The child in the house* (1878), Pater narra o reencontro do personagem Florian Deleal com seu passado. Passado que se revelou pela busca de “pequenos acidentes” da infância. No conto, Florian ajuda um pobre velho, muito cansado, a carregar sua carga por certa distância. Durante o percurso, ouve do velhinho sua história e descobre que eram da mesma região. Na noite do mesmo dia, Florian foi recompensado por seu compadecimento ao experienciar um sonho grandioso que descortina seu passado infantil: o lugar onde nascera, especialmente, a casa onde cresceu. As portas, janelas, lareiras, os jardins e o perfume das flores da “velha casa”, relembrados no sonho, fizeram com que tomasse a decisão de recuperar sua história, sua formação, ou seja, o “processo de construção mental” pelo qual somos o que somos. Florian recordou da casa onde vivera na infância e reencontrou em suas lembranças a criança movendo-se entre as paredes de lambris antigos, subindo as escadarias, vagando pelo grande sótão. Pequenos acontecimentos. Lembranças da paisagem infantil. Influências marcantes na formação de seus sentimentos, identificações, desejos, medos...

A experiência de Florian cativou a atenção de Freyre. Em 1923, registrou em seu diário que um dos seus maiores desejos era rever o *São Severino dos Ramos*: o Engenho de Pau d’Alho, no interior de Pernambuco, onde crescera e brincara quando criança. Sentia muita saudade de sua meninice, da velha casa-grande e da senzala e do engenho onde brincou. Saudades de sua família, dos parentes e amigos que lá deixou.

Como vemos, o jovem Freyre ficou profundamente tocado pela pequena e singela obra *The child in the house*. Por isso, reconheceu a influência de W.Pater no desenvolvimento de seu “ânimo introspectivo”: a análise de si mesmo ou de (re)encontrar-se nos avós, nos pais, nos antepassados e nos brasileiros de um passado poético e familiar.

Sabemos que Freyre acionou os “lugares de memória” brasileira, a partir da evocação de imagens/símbolos que emanam de nosso universo mítico. Partindo desta constatação, podemos aprofundar o estudo da *relação história-mito-política* a partir das proposições Revista Simbiótica - Universidade Federal do Espírito Santo - Núcleo de Estudos e Pesquisas Indiciárias. Departamento de Ciências Sociais - ES - Brasil - revistasimbiotica@gmail.com

inovadoras de Claude Lévi-Strauss, esboçadas em obras como *Antropologia estrutural* (1973). Lévi-Strauss discute a estrutura dos mitos e oferece-nos *insights* preciosos para a compreensão de sua relação com os processos históricos, sociais e políticos. Strauss afirma que o “mito diz respeito, sempre, a acontecimentos passados” e que o “valor intrínseco atribuído ao mito provém de que estes acontecimentos, que decorrem supostamente em um momento do tempo, formam também uma estrutura permanente. Esta se relaciona simultaneamente ao passado, ao presente e ao futuro”. Assim, podemos identificar em suas representações e manifestações históricas, processos de permanências e de reedições; processos que geram componentes psíquicos (sentimentos, emoções, desejos, fantasias) que estruturam e que são estruturados pelo imaginário social e pela ideologia política, pois nada “se assemelha mais ao pensamento mítico que a ideologia política”.⁵ Strauss afirma que a “substância do mito não se encontra nem no estilo, nem no modo de narração, nem na sintaxe, mas na *história* que é relatada”, e que, “o objeto do mito é fornecer um modelo lógico para resolver uma contradição”.⁶ Estes componentes estão diretamente relacionados aos processos históricos, simbólicos e políticos que se retroalimentam e que se complexificam em relações interdependentes.

Podemos identificar semelhanças entre as proposições de Strauss e de nosso autor. Freyre desejava resolver a contradição racial presente no pensamento social brasileiro nas décadas de 1920 e 1930. Assim, acionou nossa memória coletiva, simbólica, mítica para atacar/criticar/superar esta contradição. Desta forma, evocou os “lugares de memória” nacional para justificar que nossa constituição está alicerçada no *equilíbrio de antagonismos*, ou seja, na *conciliação racial*.

Ademais, sabemos que G.Freyre admirava o filósofo inglês Herbert Spencer desde a adolescência. Também considerava marcante e invejável um traço característico da cultura inglesa: o pendor para a compensação e o equilíbrio. A habilidade inglesa de contemporizar, harmonizar e equilibrar forças em oposição seduziu Freyre, que identificava Spencer como

⁵ Lévi-Strauss, 1973, p.241.

⁶ *Ibidem*, p.264.

um pensador ligado a “tradição de equilíbrio intelectual”: o pensador moderado, avesso aos extremos, que evitava conclusões enfáticas.⁷

Em *First principles* (1862), Spencer afirma que a “verdade geralmente se encontra na coordenação de opiniões antagônicas”.⁸ Desta forma, não podemos interpretar a realidade a partir de esquemas de polarização como “certo” ou “errado”, “bom” ou “mau”, “preto” ou “branco”. Para Spencer, esta postura teórico-metodológica é insustentável.

Freyre também manifestou a admiração que nutria pelo escritor Patrick L.Hearn. Sentiu-se atraído por dois aspectos identificados na literatura de Hearn: a louvação da mestiçagem – por sua beleza, sua sensibilidade e qualidades humanas – e a distinção entre raça e organização social – os efeitos da organização escravocrata na constituição dos homens e mulheres envolvidos. Os anos de escravidão, com privação de direitos naturais e de esperanças foram responsáveis por sentimentos artificialmente cultivados, por doenças e deficiências atribuídas à raça negra. Assim, no que diz respeito aos negros e suas capacidades/qualidades/realizações, as causas sociais predominaram sobre as causas biológicas.

Os artigos redigidos para o *Diário de Pernambuco* (1919-1926), os capítulos preparados para o *Livro do Nordeste* (1925) e os poemas *Um outro Brasil que vem ai* (1926) e *Bahia de todos os santos e quase todos os pecados* (1926) corroboram a assimilação freyreana da “louvação da miscigenação”, de Hearn. As qualidades atribuídas aos negros e mestiços – ternura, alegria, sensualidade, força física – foram acentuadas pelo jovem intelectual pernambucano. Sua obra clássica *Casa-Grande & Senzala* (1933) apenas aprofundou, em ensaio grandioso, a fascinação que já nutria desde a juventude pela miscigenação.

Freyre encontrou na *conciliação* (Spencer) e na *louvação da mestiçagem* (Hearn) duas chaves teóricas que permitiram a superação das ideias racistas, presentes no pensamento social brasileiro entre 1920 e 1930. Assim, concluiu que os homens não podem ser compreendidos por categorias excludentes, pois não são “isto ou aquilo”, mas ao contrário, são “isto e aquilo”: são negros e brancos, brancos e indígenas, indígenas e africanos...

⁷ Pallares-Burke, 2005, p.366.

⁸ *Ibidem*, p.365.

No plano político-intelectual a obra *Casa-Grande & Senzala* (1933) representou a expressão de uma ideologia da cultura nacional, ou seja, “o balanço de uma cultura e a reflexão sobre o passado como instalação dos alicerces de um porvir em marcha”.⁹ De fato, o livro respondeu a algumas indagações e necessidades já apresentadas na década de 1920.

3. A fantasia de Gilberto Freyre e a invenção do Brasil

Em *História e psicanálise: entre ciência e ficção* (2011), Michel de Certeau lembra que o núcleo da descoberta freudiana consiste no “retorno do recalçado”. Mas, esse “mecanismo” psíquico “utiliza uma concepção do tempo e da memória”, onde a “consciência” apresenta-se simultaneamente como “máscara ilusória” e “vestígio efetivo de acontecimentos que organizam o presente”.¹⁰ A psicanálise trata a relação do passado com o presente segundo o modelo da “imbricação” (um no lugar do outro), da “repetição” (um reproduz o outro sob uma forma diferente), do “equivoco e do quiproquó” (jogos de máscaras, de reviravolta e de ambiguidade); já a historiografia considera essa relação a partir do modelo da “sucessividade”, da “correlação”, do “efeito” e da “disjunção”. Assim, o confronto entre essas diferentes estratégias de apreensão do tempo pode revelar questões análogas que sublinham as possibilidades e os limites de renovação, especialmente, para a historiografia.¹¹

Certeau lembra algumas contribuições de Sigmund Freud para a historiografia, a saber, o entrecruzamento entre psicologia individual e psicologia coletiva, o reconhecimento do “patológico” como “uma região em que se exacerbam e se desvelam os funcionamentos estruturais da experiência humana”, a apreensão da historicidade em relação às crises que a organizam ou a deslocam, a superação do discurso estritamente “objetivo” por um discurso que assume a figura de “ficção”. Assim, Freud insinua na historiografia o suspense do romance policial e fantástico. Ao introduzir as lutas míticas na cientificidade, “ele enfeitiça, de novo, o saber, incluindo o aprazível escritório dos historiadores que pressupõe o passado arrumado em peças e em ordem nos arquivos”. O aspecto sério da história se vê

⁹ Larreta, 2000, p.25.

¹⁰ Certeau, 2011, p.71.

¹¹ *Ibidem*, p.73.

acompanhado pelo perigo e por seus fantasmas, pois os mortos voltam a falar, “mas à sua revelia, em seu trabalho e seus silêncios”.¹²

Na obra *História e psicanálise: a construção da realidade* (2012), Clara de Góes lembra que, muito embora, a história esteja comprometida com a busca do significado e a psicanálise do significante, tanto uma quanto a outra, apresenta uma marca comum: seu objeto está perdido. Assim, a “construção da realidade pela história” revela-se a partir do pressuposto de que esta possui “objetos e de que estes objetos têm um estatuto de verdade e esta verdade está calcada em testemunhos diretos ou indiretos”. Neste sentido, a história tenta reconstruir seu objeto como narrativa, enquanto a psicanálise efetiva “a perda como castração ou como deslocamento do sintoma na travessia da fantasia, leia-se da realidade”.¹³ Ademais, do objeto que está perdido se produz a linguagem, o inconsciente, a história.

A realidade possui uma objetividade subjetiva e objetiva, ou seja, está ao mesmo tempo fora do sujeito e em seu íntimo. A realidade é o fantasma (a fantasia¹⁴), que nos permite localizar a posição do sujeito diante do objeto, mas do objeto como falta. Por isso, não se separa, categoricamente, fantasia e realidade. Para Lacan, a realidade é a própria fantasia. Assim, no discurso da psicanálise, a afirmação “isso é a realidade” equivale a “isso é fantasia que lhe localiza no tempo e no espaço”. Na modernidade, a “realidade é resultado de um recorte de um novo discurso, o da ciência, que dissocia completamente o conhecimento de qualquer saber intuitivo”. Ela é a recomposição dos restos. A realidade científica adquire a forma de normalidade tranquilizadora, legítima, soberana.¹⁵

Isto posto, Clara de Góes lembra que o sintoma é uma formação do inconsciente, por isso, ele é o modo pelo qual cada indivíduo se insere na vida (social, cultural, política, afetiva...). Freud interpreta “o sintoma como uma solução de compromisso entre o desejo inconsciente e o recalque”. Assim, a “realidade, para a psicanálise, ao contrário de uma pura imanência

¹² *Ibidem*, p.74-5, 78.

¹³ Góes, 2012, p.16-7.

¹⁴ “Correlato da elaboração da noção de realidade psíquica.” Designa “a vida imaginária do sujeito e a maneira como este representa para si mesmo sua história ou a história de suas origens” (Roudinesco e Plon, 1998, p.223).

¹⁵ Góes, 2012, p.19-20, 23.

sem sujeito, se impõe quando o desejo a produz enlaçada ao sintoma”, pois o “desejo está implicado no sintoma, logo o desejo está implicado na produção da realidade”. A realidade é o sossego do sintoma e a escrita da fantasia. Ela se constitui a partir da perda. Essa operação simbólica “é condição para que se estabeleça a realidade como efeito do simbólico articulado ao imaginário”. Para Lacan, a realidade se produz como fantasma, como fantasia.¹⁶

Como sabemos, Lacan realizou uma série de seminários para discutir e apresentar suas contribuições à teoria psicanalítica clássica. Assim, demonstrou como a *fantasia* estrutura o real. Nos seminários realizados entre 1956 e 1957, referiu-se a fantasia como “*parada na imagem*”: maneira de impedir o surgimento de um episódio traumático e modo de defesa contra a castração.

Considerando a inovação freudiana e lacaniana, podemos contribuir para o debate (e o embate) intelectual acerca da formação de nosso país, a partir da aproximação e do diálogo entre História e Psicanálise. É neste ponto que reside a originalidade de nossa pesquisa no doutorado: identificar e interpretar como e porque Gilberto Freyre inventou o Brasil e os brasileiros a partir da elaboração de uma narrativa história atravessada (e estruturada) por fantasias de sua infância: um mundo encantado, criado e recriado à sua imagem, “como se sozinho, em recantos quase secretos da casa” e do sótão, “brincasse de ser Deus”.¹⁷

O homem-menino, imaginista, retratista, busca em tudo (ou quase tudo) que pensa, sente e escreve um singelo “menino perdido”: a criança correndo pelos corredores, subindo escadas, abrindo portas, adentrando aos sótãos e porões, brincando no quintal de sua casa memorial como em sua leitura de Walter Pater. Esta introspecção emocionada do passado, absorvida pelo contato com a obra de Marcel Proust e revelada pela saudade da infância, pode ser um elemento fulcral de sua *fantasia mito-poética-explicativa* sobre a formação do Brasil. Aliás, o próprio autor nos oferece uma pista reveladora, ao confessar que pensou sua obra germinal (*Casa-Grande & Senzala*) como expressão da infância do Brasil e dos brasileiros.

¹⁶ *Ibidem*, p.25-9.

¹⁷ Freyre, 1975, p.3.

Esta é a principal hipótese que defendemos nas linhas deste ensaio: para “inventar” o Brasil e os brasileiros, G.Freyre evocou/acionou símbolos nacionais inspirados em suas próprias fantasias infantis. E dentre estas fantasias, destacamos sua eterna busca pela criança e pela casa memorial de sua infância.

Gilberto Freyre pretendia escrever um livro pioneiro: talvez um livro originalíssimo. Uma obra que revelaria “o mais intimamente humano” do passado brasileiro. Um projeto idealizado aparentemente desde 1921, marcado pela busca de um tempo perdido, que poderia ser reconquistado pela memória. O livro que sonhava escrever teria o título de “*História da vida de menino no Brasil*”. Poucos anos depois, mudou o título da obra para “*Vida sexual e de família no Brasil escravocrata*”. Por fim, decidiu ampliar o enfoque de seu livro, que chamou de “*Casa-Grande & Senzala*”, publicado em 1933. Mas não abdicou totalmente de seu projeto inicial. Ao invés de discorrer sobre a história da vida de menino no Brasil, achou mais prudente dissertar sobre a história da infância do Brasil: tempo e espaço, onde o “menino perdido” – ele mesmo (Gilberto) – retomaria suas (e nossas) fantasias e memórias infantis, intimistas, eróticas, sexuais, religiosas, raciais, políticas... na casa-grande e na senzala colonial brasileira...

Referências

ANDERSON, Benedict (2008). *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Cia das Letras.

CERTEAU, Michel de (2011). *História e psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica.

COELHO, Claudio M. (2007). *Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*. Dissertação de Mestrado em História Social das Relações Políticas. PPGHIS/CCHN/UFES, Vitória.

GIUCCI, Guillermo e LARRETA, Enrique R. (2007). *Gilberto Freyre: uma biografia cultural: a formação de um intelectual brasileiro: 1900-1936*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

FREYRE, Gilberto (1941). *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio.

___ (1975). *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio.

___ (1995). *Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record.

GÓES, Clara de (2012). *História e psicanálise: a construção da realidade*. Rio de Janeiro: Garamond.

LE GOFF, Jacques (1990). *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1973). *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

NORA, Pierre (1993). *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto de História, Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo. n.10, dezembro. pp.7-28.

PALLARES-BURKE, Maria L. G. (2005). *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP.

PROUST, Marcel (1979). *No caminho de Swann*. São Paulo: Abril Cultural.

ROUDINESCO, Elisabeth e PLON, Michel (1998). *Dicionário de psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Gilberto Freyre e a invenção do Brasil: possibilidades de diálogos e interfaces entre história e psicanálise

Abstract: This essay discusses some possibilities of dialogues and interfaces between history and psychoanalysis, from the research/interpretative analysis of the intellectual formation of the writer and social scientist Gilberto Freyre (1900-1987). Initially, we outlined a theoretical discussion that present us with alternatives for study and research on issues that affect freyreanas propositions about the formation of Brazil. In a second moment, rehearsed some possibilities of dialogue between history and Psychoanalysis, to identify signs that indicate the presence of fantasies and childhood memories in the construction of the historical narrative by the author, especially in his book germinal *Casa-Grande & Senzala* (1933).

Key-Words: history and psychoanalysis; childhood fantasies; formation of Brazil, Gilberto Freyre.